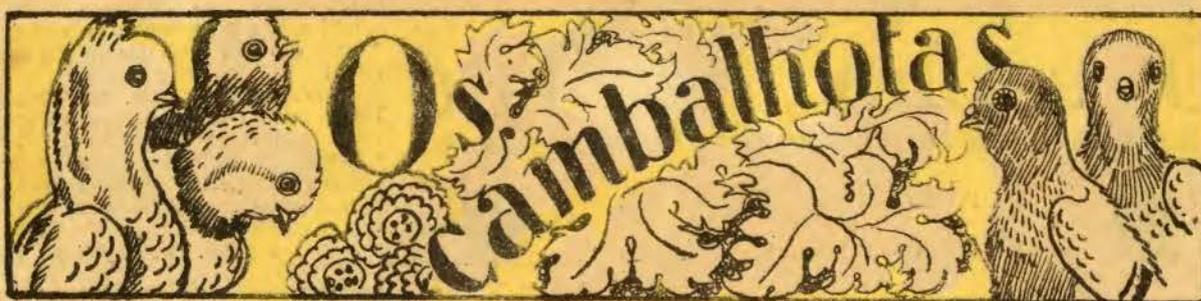


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por ZAIDA ■ ■ ■ Desenhos de A. Castañé

No pombal havia uma grande algazarra, produzida pelo «trru-ru» dos pombos que há muito o habitavam, ao verem entrar para o seu compartimento um novo casal, de pequena corpulência, tão pequena que mais parecia um par de rôlas, duma cor amarelada, a cabeça muito redonda, o bico pequeno e os olhos cor de pérola.

Os novos habitantes do pombal ficaram fechados numa gaiola.

até se acostumarem, não fôsem eles fugir!

Então, subiu de ponto a admiração dos que lá estavam! O quê?! Aqueles insignificantes ficavam aparte? Não se podiam juntar com eles?!

Nunca se vira um desacato assim, no pombal!!!

E, então, muito provocantes, começaram o seu «trru-ru», cheios de arrogância, em volta da pequena gaiola.

Se eles os pudessem apanhar cá fóra, lhes mostrariam que ali



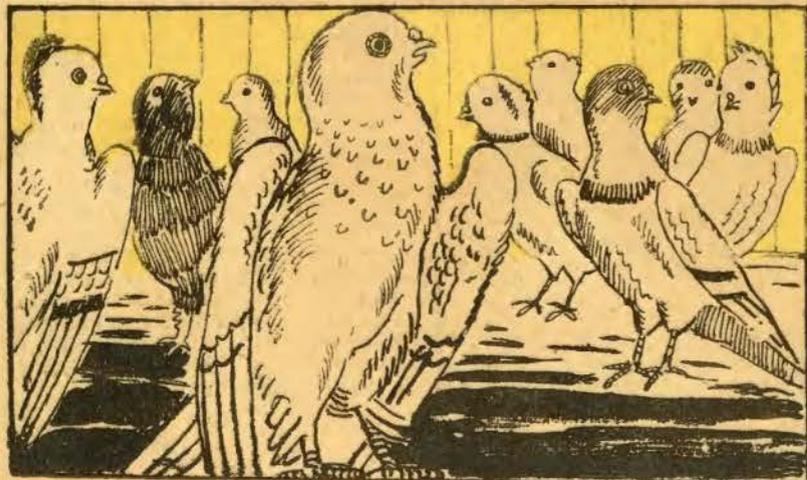
não se queriam fidalgos, e, demais a mais, uns intrusos, que, certamente, não tinham valor algum.

Então um pombo, o mais velho, disse:

— Meus amigos, escutem. Nós não podemos condenar esses pequeninos, sem vermos o que eles fazem.

«Há dias, estava eu aqui a descansar e ouvi dizer ao nosso dono que já tinha arranjado um casal de «Cambalhotas», mas que era preciso tê-los isolados, para não se estragar a raça, misturando-os connosco.

(Continua na página 8)





O sonho de Titó

Por BERTA SOBRAL
Desenhos de A. CASTANÉ

ERA pelo Natal. A família de Titó armara uma linda árvore, com numerosos e bonitos brinquedos, para festejar aquela grande festa familiar.

Como ela estava bela, com as pequeninas lâmpadas elétricas de variadas cores que brilham, outras tantas estrelas, por entre os ramos verde-negros, carregados de pesados e estranhos frutos; com os fulgurantes ornamentos próprios desta cerimônia e os bocadinhos de algodão em rama, que simbolizam flocos de neve e se assemelham a farrapinhos de nuvens que o pai Natal deixara cair quando ao descer do céu velo nela colocar os brinquedos.

A mamã de Titó tentava arrancá-lo à contemplação de tanta maravilha, procurando, de mansinho e com palavras amigas, levá-lo para o seu quarto.

— Meu filhinho querido, vem fazer «ó-ó»; são horas, meu amor...

— O' mamãzinha, é só mais um instante. Olhe, diga-me uma coisa... isto tudo é para mim?! Aquele automóvel com motor? E o cavalo grande? O urso que dança? E os dois pugilistas que se batem ao «box»? O carro eléctrico, e tudo o mais? Estas perguntas fazia-as o meu amiguinho, com um pouco de ansiedade na sua fina voz, enquanto seguia a sua mamã, e esta o despiã e preparava para passar uma boa noite. Titó adormeceu. Sobre os seus olhinhos deslumbrados por tantos encantos, cerraram-se as aveludadas cortinas das suas pequenas pálpebras.

Titó sonhou:
Fôra no seu automóvel, sem dizer nada à mamã, dar um longo passeio. Como êle estava contente, vendo correr, veloz, o seu carrinho, por meio

de belas estradas que se abriam, como por encanto, na sua frente, orladas de frondosas árvores carregadas umas de aromáticas flores e outras de apetitosos e saborosos frutos.

Mas como? Titó andou tanto que já não sabe onde está. Não compreende porque, a fugir diante dêle, correm muitos pretinhos. O que se passaria?

Titó tem medo; lembram-lhe as histórias que a sua avózinha lhe lêra no «Pim-Pam-Pum» e que se referiam ao preto Papsuse. São todos tão pretinhos! Ai! que arrepios sente, quando algum, ao rir-se para êle, lhe mostra aquela fileira de dentes tão branquinhos, que lhe fazem lembrar os do lobo da história da menina do chapinho vermelho.

Titó quer fazer parar o seu carro e não pode; êle corre... corre sempre.

Oh! mas é na sua corneta que êles tocam e o seu urso que fazem dançar!!!

Ai, o seu lindo cavalo, que também levam! Foram tirar-lhe todos os brinquedos! E como se riem dêle! Titó não pode deixar, assim, apoderarem-se do que lhe pertence sem se defender. Aqueles pretinhos merecem castigo, e severo!

Perdeu o medo. O seu pézinho car-



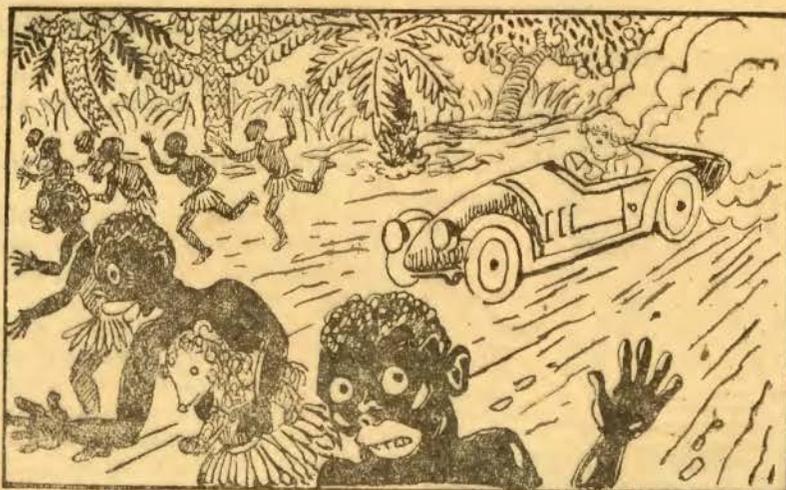
rega no acelerador e o lindo automóvel parece voar, pela lisa e interminável estrada, tal a velocidade. Enfim, está quási a agarrá-los, um pouco admirado, talvez, de ainda o não ter felto, correndo êles a pé.

Ai! Agarraram-no pelo pescoço. Volta-se a custo e vê-se rodeado de pretinhos, que, certamente, caíram dalguma daquelas numerosas árvores. Trava-se luta...

Entretanto, Titó debate-se nos braços da sua mamãzinha, que o viera acordar, de manhã, com o seu costumado beijo.

— Sabe, mãizinha, venci o chefe dos pretinhos que me tiraram os brinquedos novos!

— Sim, meu amor — diz-lhe a mãi, sorrindo. Eles já os vieram restituir. Mas fizeste bem em te bater em defesa do que te pertence e os pretinhos comeriam uma muito feia ação, se te não viessem restituir os bonitos de que se apoderaram sem direito.



■ FIM ■

Os Pardalitos

Por ALEXANDRE GAMA

Desenho de A. CASTANÉ

Muito de leve, mansinho,
Num piar triste, cansado...
Adivinho os pardalitos
No beiral do meu telhado...

Como quem pede uma esmola,
— As migalhas do pão...
Sem bordão e sem sacola,
Os pòbrezinhos lá estão...

Se acaso tarda a merenda,
Não julgueis vê-los partir...
Antes redobram na faina,
Sempre a pedir... a pedir!...

A mesa está sempre posta...
A's vezes com mais cuidado,
Se a neve estende a toalha
Por de cima do telhado!...



Como me sinto contente
Protegendo os passarinhos...
E' feio tratá-los mal...
Pior, roubá-los dos ninhos!...

A Pequenita Ambulante

Por PILAR DA CONCEIÇÃO COVAS GARCIA

Desenho de A. CASTANÉ

Ei-la... Olhai! Como é bonita
A pequenita
Ambulante
Dez anitos tem sómente;
Pobre inocente
De sorrizinho constante.

Seu rostozinho
De anjinho,
É muito alvo e rosado
E o seu cabelo,
Tão belo,
É todo encaracolado.

Que lindo o seu olhar
De ternura sem igual,
Olhar meigo e maguado!...
Olhos negros e expressivos,
Animados, muito vivos,
Dum sorriso que é seu Fado.

É sua sina,
De pequenina
Ter de sofrer!
Mas, sempre rindo,
Seu riso lindo,
Dá gosto vêr!

De «maillet» côr de rosa,
A formosa
Equilibrista

Faz o público sorrir,
Mostrando vir,
Inda, a ser cèlebre artista.

Depois, vestida de branco,
Cheia de encanto,
No seu tão lindo alvôr,
Ei-la a cantar
E a dançar
A meiga e terna flôr!



Acompanha o Querubim,
O toque dum cornetim
E o som dum velho tambôr.
A sua voz de harmonia
É cheia de poesia
De languidez e amôr!

Quando o baile é terminado,
De rostozinho coráde,
Cumprimenta, modesta,
O público encantado,
Que a aplaude, entusiasmado,
Em plena festa.

E a criancinha,
Lourinha,
Formosa, como os amores,
Parece um Anjo encantado,
Rodeado
De flores!

E as moedas, em chavinha
Miudinha
É constante,
Caem na salvasita
Da pequenita
Ambulante.



A ARANHA, O ARANHA

POR HELE

mesmo assim o arrecadou, dizendo que, se um mosquitinho a ninguém enchia a barriga, uma dúzia deles já não era coisa para desprezar.

Em seguida, mais três ou quatro caíram na teia. Tudo caminhava, pois, pelo melhor. O Aranhão é que continuava a não querer ver as coisas.

— Na verdade — (rabujava) — se só disto nos aparece, mais valia que tivéssemos jantado em casa, pois daqui bem vamos com a barriga vazia!

Mas o seu desejo foi, em breve, satisfeito. Uma gorda, anafada môska, surghu, de repente, por ali, voando em caprichosas curvas, voltas e revira-voltas, ao sabor da aragem e a seu bel prazer, descuidada, nem por sonhos pensando ou imaginando o que a esperava.

UMA Aranha, um Aranhão e um Aranhinho foram, uma bela ocasião, fazer uma rica patuscada, todos três, num cantinho do tecto dum celeiro da vizinhança, lá bem no cimo.

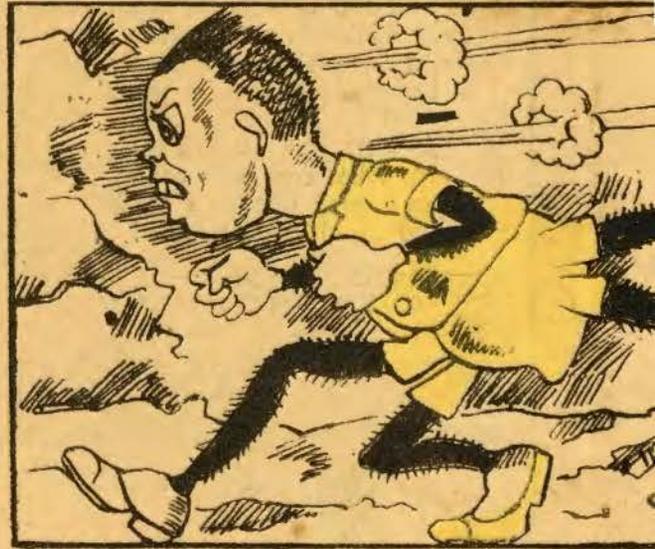
Logo que chegaram, trataram de arranjar uma grande teia de aranha, pois, assim, além do abrigo, teriam, ainda, o jantinho pronto em menos dum fósforo, pois bem sabiam que não deixariam de lá cair algumas môskas ou mosquitos, que fariam, depois, o seu regalo.

Dai a pouco, a teia estava acabadinha e pronta a servir.

Muito escondidos, os três puseram-se á espreita. Primeiro, foi um pequeno e magro mosquitinho que apareceu e, por mal dos seus pecados, se enredou na teia. Ao vê-lo, mestre Aranhão torceu o nariz e, desdenhosamente, disse:

— Céus! Que manjar tão ordinário! Para mim, nem para a cova dum dente!

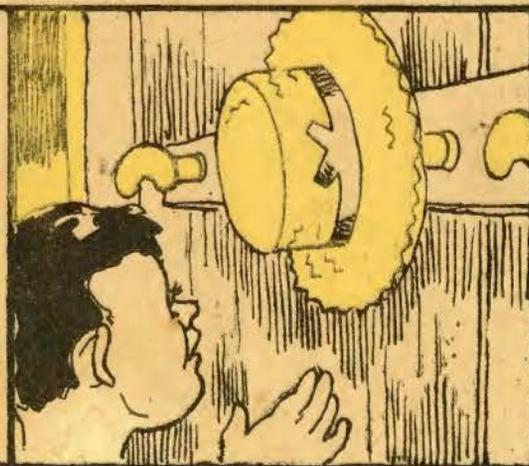
Contudo, Dona Aranha, que era uma criatura previdente,



■ EFEITO PI ■



O senhor José Calado, um vendedor de foguetes, tem um filho endiabrado, que é o rei dos diabretes.



Em casa ao ver pendurado o «palhinhas» do seu pai, o maldito endiabrado grossa partida armar vai.



Da loja traz um foguete e, ás ocultas, o diabinho tenta fazê-lo ir ao

ARANHÃO E O ARANHIÇO

ENA ROLIN ■ ■ ■

A princípio, nem sequer reparou na tela, onde os três maraus a namoravam, antegozando já as delícias de tão delicado piteu, mas, depois, bisbilhoteira como era e amiga de tudo dar fé, ao avistar aquela rede tão fininha e bem feita, logo lhe apeteceu saber de que se tratava. Entretanto, pensava:

— Que poderá ser isto? De manhã, não vi aqui nada! Que utilidade poderá ter tal coisa? E se eu fosse ver?

Então, a curiosa mosquinha passou mais perto, voou, depois, já á roda, sempre aproximando-se mais, e, quando estava já bem próximo, meteu, com cuidado, a cabecinha na tela, em seguida uma asa, e assim sucessivamente, até que — pobre dela! — lá ficou emaranhada, enovelada, enrolada, sem poder salvar-se, por mais esforços que fizesse.



Logo que isto sucedeu, Dona Aranha e os companheiros apareceram, radiantes.

Cheiraram a misera, apalparam-na e, de mão dadas, começaram uma dança, á volta da desgraadinha, cantando, ao mesmo tempo, em côro:

*Rica mosquinha,
Rica mosquinha,
Para a barriguinha!
Para a barriguinha!*

Quem não tinha a mesma alegria nem sequer uma parecida, era a pobre da mosca, que maldizia a sua triste sorte, a sua grande coscovilhice, afinal, pois não fôra ela e nada lhe teria acontecido de desagradável. E lamentava-se amargamente:

— Ai! que desgraçada sou! Para que havia eu de que-



ROTÉCNICO ■



foquete,
ma o chapén,
diabrete,
o céu.

Mãos á obra! Dito e feito...
Largando fogo ao foguete,
fica o contemplar o efeito,
o nosso grande diabrete.

Mas contando presenciar
um foguetório de estrelas,
não as contempla no ar,
porém, não deixa de vê-las!

Qual a coisa, qual é ela?... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Bem fácil esta adivinha:
— Como poucas sou doceira,
se não sou mestra ou rainha,
sou, com certeza, uma obreira.

II

Sou cofre, guardo dinheiro
ou sou animal e, enfim,
quando caio do tinteiro,
fico com um o no fim.

III

Sou bem fácil adivinha...
vivo em cima dos telhados
ou dentro da cabecinha
dos meninos estouvados.

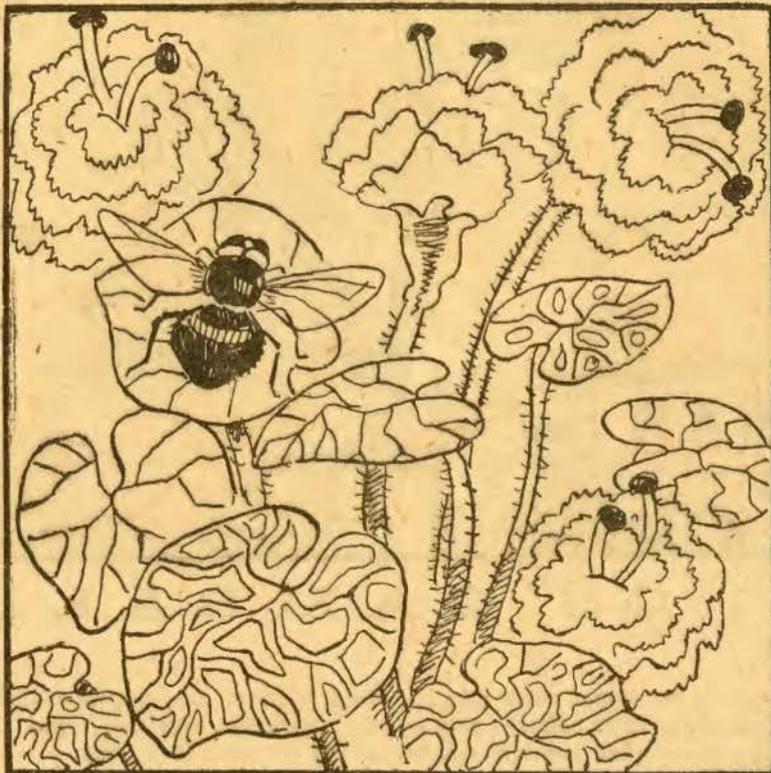
IV

Sou enfeite valioso
de senhoras ou peixeiras;
mas meu nome é mentiroso,
não gosto de brincadeiras.

Solução das anteriores

1 — Trem

2 — Madeira



ADIVINHA



Meus meninos: Vejam se descobrem quem bateu as palmas, chamando este guarda-nocturno.

3.º Concurso mensal de Poesias e Contos Infantis

AVISO

Em virtude de haver sido prorrogado o prazo de encerramento deste nosso concurso, para o dia 5, só no próximo número publicaremos os nomes dos premiados e as respectivas produções no número seguinte.

Observação: — Os concorrentes com direito à publicação dos seus retratos, que ainda os não tenham enviado, podem remetê-los até ao dia 20, em virtude de ser este o último concurso literário desta série. Findo este prazo, não terão direito a reclamações neste sentido.

BREVEMENTE

Novo e sensacional concurso de adivinhas e charadas

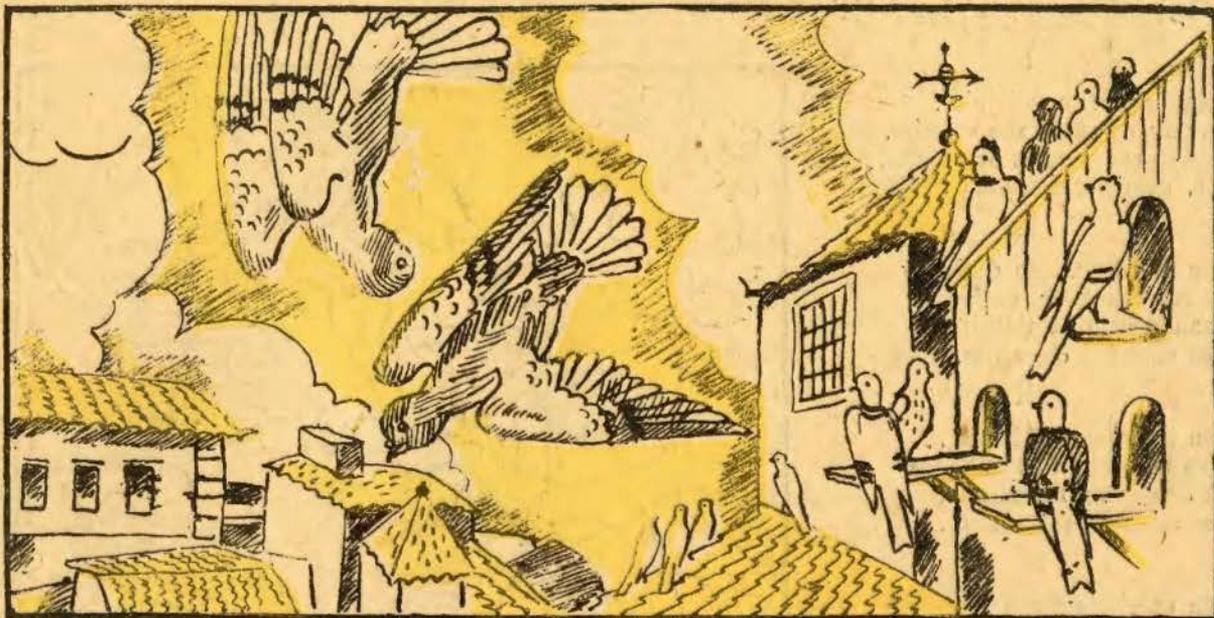
COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino Julio Artur da Silva Pomer, de 7 anos de idade



Desenho do menino Fernando Marques Costa, de 11 anos de idade
Rua do Seculo. 37, r/c., D.



OS CAMBALHOTAS

(Continuação da página 1)

«Ouvi, também, dizer que tinham muito valor pela sua pequenez, e ainda pela maneira singular como voam, pois parece que começam ás cambalhotas no ar, acontecendo, muitas vezes, partirem a cabeça de encontro ás paredes, tão cegos vão nas suas voltas.

«Julgo que criam como nós, e, se assim fôr, não temos o direito de os incomodar, mas sim de nos afeiçoarmos a eles, pois bem basta estarem ali fechados, sem poderem, como nós, ir por esses campos fora, á procura de gulodices, que tão bem nos sabem; respirar o ar perfumado pelas flores campestres e aquecer-se ao sol, nos dias bonitos de inverno.

Sigamos a nossa vida e deixemo-los em paz. Todos seguiram o conselho do velho companheiro e, daí a pouco, já se encontrava no pombal o novo casal.

Os pombitos, muito admirados e receosos, tinham seguido, com interesse, esta cena. Ao verem-se sós, respiraram com alívio e comentaram:

— Que modo tão feio de receber hóspedes; que criaturinhas tão agressivas!

Nunca tinham sido tão mal tratados!

Passaram-se dias, e os nossos pombos já olhavam os novos com mais amizade, e, até, ás vezes,

lhes traziam nos biquitos alguma semente apetitosa, que tinham encontrado lá fora.

Um dia, a pombita não saiu da caixita onde dormiam, enquanto o pombo trazia no bico, para a mesma, palhinhas que o dono lhe tinha posto na gaiola. Ia e vinha, muito orgulhoso e satisfeito com a sua ocupação; entregava á companheira os bocaditos de feno, e esta, por sua vez, ia-os ajeitando em volta dela.

Durou esta azáfama uns três ou quatro dias. O ninho estava pronto; mas a pomba continuava lá, só saindo para comer e beber.

Enquanto ela saía, ia o companheiro substituí-la. Assim se passaram 18 dias. Findos eles, todos os habitantes do pombal viram a pomba afastar com o bico as cascas dos ovitos e o pombo, muito importante, tomá-las e atirá-las para o fundo da caixa.

De todos os lados se levantou uma grande algazarra; sempre era certo, eles também tinham filhos, quem tal pensaria! Então, a pomba afastou-se e todos puderam ver dois borrachitos muito pequeninos, como nunca tinham visto. Que formosos eram! Ajudá-los-iam a criar! Dar-lhes-iam todos os mimos que encontrassem. Assim foi; os pequeni-

nos depressa cresceram e atingiram o tamanho dos pais.

O dono, quando lhe pareceu, abriu-lhes a porta, e, então, houve grande borborinho no pombal.

O mais velho tomou a palavra e, dirigindo-se aos seus novos companheiros, deu-lhes os parabéns, por já poderem voar livremente, pedindo-lhes desculpa da sua incorrecção e rogou-lhes que voassem, para verem as cambalhotas que eles davam no ar.

Muito contentes, os nossos «Cambalhotas» tudo esqueceram nesse momento, e, durante alguns minutos, deliciaram os companheiros com a sua acrobacia. Davam voltas sôbre voltas, até quasi tocarem no tecto do pombal; depois, erguiam vôo e deixavam-se cair, parecendo que estavam mortos, tornando a endireitar-se, para recommençar as cambalhotas.

Foi um delírio, quando pousaram; todos os rodearam e olharam com respeito. Daí por diante, não havia casal mais querido e viveram todos em boa harmonia.

Tirai, meus amiguinhos, a moralidade desta pequena história. Sei que a compreenderam e hão-de aproveitá-la.

■ F I M ■